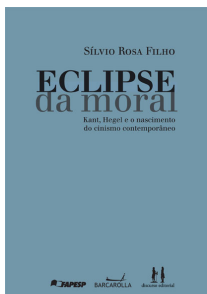


O nascimento do cinismo contemporâneo

Coedição da Barcarolla e Discurso Editorial, livro aborda o surgimento do cinismo contemporâneo e o declínio da moralidade moderna após a Revolução Francesa. Lançamento acontece no dia 6 de maio na Livraria da Vila (Fradique), às 19h.



Eclipse da Moral – Kant, Hegel e o nascimento do cinismo contemporâneo

Sílvio Rosa Filho

R\$ 46,00

682 páginas

Lançamento: maio / 2010

ISBN: 978-85-98233-46-8

Quando a moralidade entrou em eclipse após a Revolução Francesa, o cinismo contemporâneo começou a dar seus primeiros passos. Esse “fenômeno” é o tema do livro “Eclipse da Moral”, do professor de filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Sílvio Rosa Filho. A publicação é uma coedição da Editora Barcarolla e Discurso Editorial, com apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). O lançamento acontece no dia 6 de maio, na Livraria da Vila (Rua Fradique Coutinho, 915), às 19h.

A obra procura ater-se à organização do repertório que torna possível reformular o problema da moralidade nos novos tempos, ou seja, a passagem da idade Moderna para a Contemporânea, circunscrito na época em que a prosa crítica de Hegel atingiu a maturidade e o discurso moral passava da crise ao declínio.

Na *Fenomenologia do espírito* e nas primeiras aulas que ministrou sobre filosofia do direito, Hegel desvendou a gênese de uma convergência entre a abstração moral, de origem kantiana, e abstrações de mais recente feitio, as que o processo de transição ao novo tempo ia produzindo em seu rastro.

Pelos anos de 1807-1817, o filósofo alemão deu forma a uma micrologia bastante específica, onde se condensam as dinâmicas de moralidade e não-moralidade. Onde moralidade e não-moralidade só fariam negar-se ou repelir-se, Hegel investigou injunções, sondou compromissos, avaliou dissensões. E chegou a ensaiar o delineamento de microfiguras que melhor representassem ou ilustrassem a questão. A maneira pela qual essas figuras contracenam pode vir cifrada como honestidade involuntária das imposturas, sinceridade indesejada na simulação ou, ainda, contrapartidas de uma aposta no fortuito.

Assim que a “modernidade” vai efetivamente tomando a dianteira, o próprio discurso filosófico comparece, a seu modo, desestabilizado no que respeita a seu estatuto argumentativo, neutralizado no que concerne à acuidade de seus efeitos críticos. Desta forma, ao cínico é que é permitido expor, às claras, aquilo que se escondia, hipocritamente, nas imediações do dizer e do fazer que assume o moralista.

Primeiramente, como estudo sobre a transição ao novo tempo, o livro apresenta os modos principais de representar desenraizamentos de cunhagem modernizada: a nostalgia e a exaltação, a moderação e o romantismo, flutuando na superfície da época. A partir daí, investiga os impasses reinscritos na ordem do dia.

Em segundo lugar, como exposição das reviravoltas do discurso moral, o livro acompanha as atualidades do extemporâneo, moeda moral que circula, em solo alemão, como desprovida de lastro. Desta feita, flutuam em *estado nascente*, as máscaras de circunstância. Do *ativista* que se descobre supérfluo até chegar ao *hipócrita* que no fundo desmascara a si mesmo, o leitor está convidado a meditar sobre um rodízio vertiginoso de fisionomias de empréstimo. O

protelacionista, nesses bastidores da ação moral, posa de indispensável, assim como pode, mas só em caráter provisório, tomar fúmulas de asceta. Enquanto o *perfeccionista* permanece confinado nos recônditos da vida interior, o *amoralista*, lançado ao exterior, ora passeia ao sabor de bem-vindos acasos, ora se vê entregue a toda sorte de inconveniências. Por esse elenco disponível para o desempenho de papéis intercambiáveis, o *attentisme* do dever-ser, em regime de espera permanente, não cessa de promover o *sagracionismo* do ser secular. Em quando se apressa em mudar de cenário, persiste noutra microfigura, insistindo na celebração de um *sincretismo* que é tanto menos efetivo quanto mais providencial.

São todos, por um lado, sintomas de uma negação imatura da moralidade: é que, ainda ingênuo, esse cinismo precoce é passível de designação, suscetível de desmascaramento. Por outro lado, trata-se de formas de ação que não se limitam a deformar a matéria mesma do discurso moral: é que, com elas, precisamente, a individualidade moderna, quando moralmente desobrigada, vai aprendendo a tornar-se outra figura singular, “ultra” ou “pós-moderna”. Ainda abstratamente.

Nada disso chega ao ponto de anular, nem sequer ocultar, a persistente necessidade de superação. O pensamento de Hegel, com efeito, não se restringe a constatar a gestação interrompida de mudança, nem a elaborar uma sintomatologia da desorientação. Pois cabe a esse filósofo conceber – como experiência e como emancipação – o desbloqueio do novo.

Sobre o autor

Silvio Rosa Filho é professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), graduou-se em 1995 e doutorou-se em 2002 pelo Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, com estadia na École Normale Supérieure (1998-2000).

Mais informações com:

Marcelo de Andrade – marcelo@lufernandes.com.br

Lu Fernandes Comunicação e Imprensa

(11) 3814-4600